

DOI: 10.46667/renbio.v16inesp.1.1043

## CURRÍCULO EM AÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS) DE BIOLOGIA: EXPERIÊNCIA FORMATIVA EM BOTÂNICA COM JÚRI SIMULADO

CURRICULUM IN ACTION IN THE TRAINING OF BIOLOGY TEACHERS: TRAINING EXPERIENCE IN BOTANY WITH SIMULATED JURY

CURRÍCULO EN ACCIÓN EN LA FORMACIÓN DE PROFESORES DE BIOLOGÍA: EXPERIENCIA DE FORMACIÓN EN BOTÁNICA CON JURI SIMULADO

*Ana Cristina Andrade de Aguiar Dias<sup>1</sup>, Cassiane Barroso dos Anjos<sup>2</sup>, Jackson Costa Pinheiro<sup>3</sup>, Verônica Giuliane Monteiro Ferreira<sup>4</sup>, Sheila Costa Vilhena Pinheiro<sup>5</sup>*

### Resumo

O presente relato de experiência tem como objetivo refletir a perspectiva do currículo em ação na formação de professores de Biologia, por meio de uma experiência formativa com júri simulado para a aprendizagem em Botânica. A experiência foi desenvolvida com uma turma de 44 alunos na disciplina Estratégia e Recursos Didáticos para o Ensino de Botânica, em formato remoto, numa universidade pública federal. A dinâmica do júri simulado foi centrada na adequação do termo 'cegueira botânica', favorecendo a vivência de um currículo crítico em ação com a articulação de temas e conteúdos diversos. Em linhas gerais, a experiência evidenciou o envolvimento dos alunos, a valorização de suas vozes e o desenvolvimento da argumentação de ideias e posicionamentos no debate científico.

**Palavras-chave:** Argumentação; Estratégia didática; Protagonismo Científico; Ensino de Biologia.

---

<sup>1</sup> Doutorado em Biologia Vegetal - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, SP - Brasil. Professora Associada I - Universidade Federal do Pará (UFPA) - Belém, PA - Brasil. **E-mail:** [anadias@ufpa.br](mailto:anadias@ufpa.br)

<sup>2</sup> Doutoranda em Biologia de Fungos, Algas e Plantas - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, SC - Brasil. Mestra em Ciências Biológicas - Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). Belém, PA - Brasil. **E-mail:** [anjosc.bio@gmail.com](mailto:anjosc.bio@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutor em Educação em Ciências - Universidade Federal do Pará (UFPA) - Brasil. Coordenador e Professor do Mestrado Profissional em Ensino de Biologia - Universidade Federal do Pará (UFPA). Belém, PA - Brasil. **E-mail:** [jackson@ufpa.br](mailto:jackson@ufpa.br)

<sup>4</sup> Mestrado Profissional em Ensino de Biologia - Universidade Federal do Pará (UFPA). Belém, PA - Brasil. **E-mail:** [veronica.ferreira@icb.ufpa.br](mailto:veronica.ferreira@icb.ufpa.br)

<sup>5</sup> Doutora em Educação em Ciências - Universidade Federal do Pará (UFPA). Belém, PA - Brasil. Professora Doutora - Instituto de Ciências Biológicas - Universidade Federal do Pará (UFPA). Belém, PA - Brasil. **E-mail:** [scvpinheiro@gmail.com](mailto:scvpinheiro@gmail.com)

DOI: 10.46667/renbio.v16inesp.1.1043

**Abstract**

This experience report aims to reflect the perspective of the curriculum in action in the training of Biology teachers, through a experience with a mock trial for learning in botany. The experience was developed with a group of 44 students in the discipline “Strategy and Didactic Resources for Teaching Botany” in a remote format at a public university. The dynamics of the mock trial was centered on the evolution of the term ‘plant blindness’, favoring the experience of a critical curriculum in action with the coordination of different themes and contents. In general terms, the experience showed the involvement of students, the appreciation of their voices and the development of argumentation of ideas and positions in the scientific debate.

**Keywords:** Argumentation; Didactic strategy; Scientific Protagonism; Teaching Biology.

**Resumen**

Este relato de experiencia pretende reflexionar la perspectiva del currículo en acción en la formación de profesores de Biología, a través de una experiencia formativa con jurado simulado para el aprendizaje en botánica. La experiencia se desarrolló con un grupo de 44 estudiantes en una clase de botánica, en formato a distancia, en una universidad pública federal. La dinámica del jurado simulado estuvo centrada en la adecuación del término 'ceguera botánica', favoreciendo la experiencia de un currículo crítico en acción con la articulación de diferentes temas y contenidos. En términos generales, la experiencia mostró el involucramiento de los estudiantes, la valorización de sus voces y el desarrollo de la argumentación de ideas y posiciones en el debate científico.

**Palabras clave:** Argumentación; Estrategia Didáctica; Protagonismo Científico; Enseñanza de la Biología.

\*\*\*

## 1 Introdução

A palavra currículo tem natureza polissêmica sendo, portanto, muito abrangente e possuidora de diversos significados, estes estreitamente ligados à finalidade e ao contexto no qual está sendo abordada. No âmbito do presente relato de experiência, nos alinhamos com Silva (1999) que determina que o currículo está profundamente ligado ao que somos e centralmente envolvido naquilo que nos tornamos e tornaremos, pois esse é a nossa identidade na perspectiva de que ao se produzir, ele (o currículo) também nos produz.

Compartilhamos a presente experiência na formação de professores de Biologia, considerando-a como um currículo em ação no qual está assegurado o protagonismo dos estudantes na construção do seu próprio conhecimento e o papel do professor em sua atribuição fundamental de mediador do processo educativo. Nessa perspectiva, o currículo não se limita a uma listagem de conteúdos, sendo o conjunto de experiências educativas vividas e compartilhadas pelos estudantes de uma licenciatura em Ciências Biológicas, futuros professores que vão lidar com os desafios do ensino de Ciências e Biologia nas escolas de educação básica.

Os desafios se fazem presentes nas transformações que o ensino de Biologia vem sofrendo ao longo dos anos, fazendo com que sejam repensados os objetivos e estratégias que orientam o processo de ensino-aprendizagem. Dessa maneira, aspiramos promover além da aprendizagem de conceitos científicos em Botânica, visando também a apropriação da ciência contextualizada com elementos que orbitam o cotidiano dos envolvidos no processo

DOI: 10.46667/renbio.v16inesp.1.1043

(SOUZA; SOUZA, 2022). Seguindo essa linha de pensamento, trabalhar a Botânica, tanto na educação básica quanto na formação de professores, se torna um desafio para os professores da área, sendo as principais problemáticas as questões relacionadas ao conteúdo extremamente denso e metodologias tradicionais, que trazem inúmeras dificuldades para um aprendizado significativo (SALATINO; BUCKERIDGE, 2016).

O ensino de Botânica tem sido apontado como uma área muito complexa, apresentando inúmeros termos conceituais, nomenclaturas e memorização excessiva que provocam o distanciamento entre estudante e o conteúdo ensinado (CRUZ; JOAQUIM; FURLAN, 2009). O ensino e a aprendizagem nesta área dependem de elementos facilitadores que auxiliem o processo de construção do conhecimento. Além do uso do livro didático ou das plantas *in loco*, cabe destacar a relevância de atividades pedagógicas associadas ao objeto de estudo para uma formação docente qualificada com vistas à criação e desenvolvimento de aulas ativas com metodologias coerentes (MELO *et al.*, 2012).

Ursi e colaboradores (2018) abordam essa questão fazendo uma reflexão sobre a importância de desenvolver atividades que articulem o ensino de Botânica com a contextualização dos conteúdos abordados para favorecer o protagonismo dos alunos.

A contextualização estimula o papel de protagonista e a postura autônoma do estudante. Não obstante, o professor continua sendo mediador fundamental do processo ensino-aprendizagem. É ele o responsável por identificar os conhecimentos prévios e o contexto dos alunos, organizar o currículo baseando-se nesses elementos e escolher as melhores estratégias de ensino e avaliação. É importante destacar que a contextualização não deve representar uma limitação, um engessamento do ensino à realidade imediata do aluno. Ela deve possibilitar que, partindo de sua realidade, tal aluno conheça outros horizontes e novas possibilidades de aprender. (URSI *et al.*, 2018, 14p.)

Nesse sentido, fica evidente um currículo em ação para que os estudos em Botânica sejam trabalhados em inúmeros momentos com novas proposições, que insiram o estudante no centro da atividade e no caminho de utilização de estratégias pedagógicas que permitam o vínculo de elementos do cotidiano durante a abordagem em sala de aula (ALVES; GIL; AGUIAR-DIAS, 2022). Uma das formas de se alcançar tal propósito pode ser pela mobilização do conhecimento prévio dos estudantes. De que forma isso pode ser feito? Pode-se, por exemplo, utilizar plantas já conhecidas pelos alunos e relacioná-las ao uso alimentício e medicinal durante o processo de ensino de Botânica. São estratégias capazes de criar condições pedagógicas para que esse conteúdo seja reconhecido no dia a dia dos estudantes. Ausubel (1982) aponta que ao associar o conhecimento que o sujeito possui com o novo conhecimento que está sendo proposto, a aprendizagem torna-se real e significativa.

A aprendizagem significativa proposta por Ausubel (1982) tem conexão direta com a contextualização defendida por Ursi e colaboradores (2018), uma vez que sem a inclusão do conhecimento prévio do estudante não existe aplicação e sem esta, conseqüentemente, não

DOI: 10.46667/renbio.v16inesp.1.1043

haverá significado associado ao conhecimento recém adquirido. Contudo, essa relação não será contemplada através da utilização de estratégias mecanicistas, mas sim por meio da lógica e do sentido, de forma natural conforme os novos conhecimentos terão sentido na aprendizagem do sujeito (SANTOS, 2019).

Dessa forma, quando discutimos o negligenciamento da Botânica na educação e no currículo em ação da formação de professores de Biologia, devemos direcionar as reflexões para a dinâmica social e de ensino. Nesse contexto, voltamos à atenção também para a formação docente e suas problemáticas, essas traduzidas em cenários durante a graduação na qual as disciplinas são predominantemente teóricas. Isso ocasiona o distanciamento do futuro professor de Biologia em relação à prática docente no âmbito da educação básica. Portanto, é necessário propor estratégias que favoreçam discussões associando a ciência Botânica com o ensino de Botânica como uma via para reflexões baseadas em trabalhos teóricos a respeito da temática, possibilitando que o estudante de Biologia em formação inicial se aproprie desse conteúdo de forma eficaz e segura.

Ao analisar este contexto e as dificuldades destacadas em trabalhos sobre o ensino de Botânica (FONSECA; RAMOS, 2018; NETO *et al.*, 2022; URSI *et al.*, 2018), pode-se perceber a importância de buscar estratégias pedagógicas que auxiliem na superação dos obstáculos atuais na formação inicial de professores de Ciências Biológicas. O debate a respeito desses temas, além de apontar problemáticas, também sugere como possibilidade de melhoria a agregação de aulas com a utilização de técnicas abrangendo tecnologias, jogos, dramatizações, atividades práticas e lúdicas e uso de coleções didáticas, todas essas voltadas para ampliar a construção de conhecimento (SANTORINE; SANTOS, 2015).

Uma dessas possibilidade pode ser a utilização de uma atividade denominada como júri simulado, que consiste em uma dinâmica envolvendo o julgamento de um tema com base na argumentação desenvolvida pelos alunos sobre situações conflitantes criadas em sala de aula. Nesse exercício, os estudantes atuam como representações de um júri organizado em dois grupos, um se posicionando contra e outro a favor da temática escolhida. Durante essa prática, os alunos interagem demonstrando suas opiniões de forma clara e objetiva em uma atividade envolvendo o lúdico e o investigativo (FORMIGOSA *et al.*, 2017) enquanto desenvolvem o senso crítico, a capacidade de argumentação, a expressão verbal e o respeito ao outro (ANASTASIOU; ALVES 2023). Essa dinâmica permite alcançar um desenvolvimento pleno com um número significativo de estudantes, favorecendo a participação ativa de todos (SAVARIS *et al.* 2013).

**DOI: 10.46667/renbio.v16inesp.1.1043**

O júri simulado descrito neste relato de experiência teve como proposta central a discussão em torno da adequação de uso do termo “Cegueira Botânica”. Esse assunto foi discutido recentemente em trabalhos de reflexões sobre o ensino e prática de Botânica (BROWNLEE; PARSLEY; SABEL, 2021; PARSLEY, 2020; URSI; SALATINO, 2022). Por muito tempo, o termo foi utilizado como referência à impossibilidade humana de reconhecer as plantas ao seu redor e consequentemente negligenciar esse grupo, preferindo-se a temática zoológica (WANDERSEE; SCHUSSLER, 1999). Contudo, a utilização desse termo tem provocado inquietação no âmbito do debate sobre a inclusão de pessoas com deficiência, pois é considerado um termo capacitista tendo em vista que a deficiência visual, ou seja, a cegueira, pode ser uma condição congênita e, em muitos casos, irreversível.

Conforme discutem Ivanovich e Gesser (2020), o capacitismo ou ableísmo pode ser entendido como qualquer atitude ou sistema de preconceito e desvalorização das pessoas com deficiência por meio de uma avaliação arbitrária da capacidade corporal e/ou cognitiva dessas pessoas. Fiona Campbell (2008) entende o capacitismo como uma atitude que diferencia pessoas com deficiência, mas há pouco consenso sobre quais atitudes constituem práticas capacitistas. No entanto, podemos dizer que uma das principais características da perspectiva capacitista é a crença de que as deficiências ou as incapacidades são inerentemente negativas, devendo ser melhoradas, curadas ou eliminadas. A autora também aponta a existência de uma corpo-normatividade compulsória, que parte da convicção e do desejo de corpos iguais como base para a igualdade, o que resulta em uma resistência a considerar vidas ontologicamente periféricas como formas distintas de ser humano, a menos que estas sejam acentuadamente desvalorizadas.

Desta forma, trazer o termo “Cegueira Botânica” como um tema central para ser utilizado na estratégia do júri simulado é uma forma de se articular vários elementos visando uma maior criticidade no ensino da Botânica. A atividade foi pensada e construída de maneira a incentivar os estudantes a realizar pesquisa e leitura de artigos, textos e livros sobre o assunto, proporcionando a construção de argumentos embasados para promover discussão.

Este trabalho tem como objetivo refletir a perspectiva do currículo em ação na formação docente por meio de uma experiência formativa com júri simulado para a aprendizagem em Botânica. Ao compartilhar o processo de construção da dinâmica de um júri simulado com estudantes de Licenciatura em Ciências Biológicas para discutir o uso (in)adequado do termo “Cegueira Botânica” aspiramos contribuir com os estudos e debates sobre novas práticas para a formação de professores de Biologia, com um olhar direcionado às aprendizagens no campo da Botânica, defendendo a necessidade de construirmos diariamente um currículo em ação que promova a inovação e a superação das práticas tradicionais de ensino.

## 2 Procedimentos Metodológicos

Este trabalho é um relato de experiências vivenciadas em processos de ensino com pesquisa. É somente de registro descritivo e reflexivo do conjunto de situações que contribuem com novas vivências e estudos na área da formação de professores de Biologia e ensino de Botânica. Consideramos a proposta de Mussi e colaboradores (2021) que define os relatos de experiência como manuscritos acadêmicos que promovem uma exposição crítica e reflexiva de práticas ou intervenções científicas, pedagógicas e/ou profissionais em diversos campos de atuação.

### 2.1 Estruturação da atividade de júri simulado.

O desenvolvimento da atividade proposta ocorreu em 2021 na Universidade Federal do Pará com uma turma de Licenciatura em Ciências Biológicas na disciplina de “Estratégias e Recursos didáticos para o ensino de Botânica” composta por 44 alunos. A disciplina foi realizada remotamente durante o período de pandemia através aplicativo de videoconferências Google meet.

A estratégia relatada no presente trabalho foi o júri simulado, atividade que encena um tribunal no qual uma situação hipotética é debatida. A dinâmica partiu da proposição de uma situação-problema por um facilitador e, baseado nela, o júri simulado foi estruturado (Figura 1). A turma foi dividida em dois grupos de 22 alunos cada, um grupo de defesa e um de acusação, e a escolha dos integrantes de cada um ocorreu através de um sorteio. A metodologia do júri simulado utilizou como referência para sua construção os trabalhos de Anastasiou e Alves (2023), Campos e Silveira (2013) e Real e Menezes (2007).

**Figura 1:** Situação-problema para desenvolvimento do Júri Simulado.

### Júri simulado sobre Cegueira Botânica

Durante as aulas de Botânica, um estudante de graduação tomou um susto ao se deparar com um termo bem peculiar: CEGUEIRA BOTÂNICA. Esse é um conceito cunhado por Wandersee e Schussler em 1999 que explicaria o motivo pelo qual as pessoas teriam uma tendência a preferir a temática zoológica em detrimento da Botânica. A Cegueira Botânica estaria relacionada à nossa dinâmica social, de ensino e teria inclusive bases neurofisiológicas.

A surpresa do discente ao ler o termo “Cegueira Botânica” se deu porque o mesmo é deficiente visual e não achou uso da palavra “cegueira” apropriada para o contexto que envolve a Biodiversidade Vegetal. Já que sua cegueira é congênita e irreversível. Ao longo da vida, este aluno passou por inúmeros tratamentos, treinamentos e condicionamentos para que hoje estivesse cursando uma faculdade.

Seu interesse pelo termo fez com que levasse seus questionamentos ao seu orientador, que por sua vez, levantou a questão em seu grupo de pesquisa e o assunto se espalhou entre os núcleos de Botânica. Essa história chegou até a Sociedade Brasileira de Botânica que decidiu estruturar um debate na reunião do Núcleo de Ensino de Botânica a respeito do tema: Eles deveriam promover o desuso do termo Cegueira Botânica?

Para a realização do Júri Simulado, um grupo irá defender a descontinuação do termo Cegueira Botânica enquanto outro irá defender a sua manutenção. Os grupos irão construir suas linhas de raciocínio e argumentos a partir dos seguintes tópicos de pesquisa:

- ✓ O que é e o que causa cegueira Botânica?
- ✓ O processo descrito seria causa ou consequência?
- ✓ As dificuldades do ensino de Botânica como, por exemplo:
  - Excesso de teoria e nomenclatura;
  - Contextualização;
  - Metodologias de ensino;
- ✓ Relação entre sociedade e biodiversidade;
- ✓ Conservação;
- ✓ O que é inclusão e como ela ocorre no Brasil;
- ✓ O que é uma deficiência;
- ✓ Ensino inclusivo.

Fonte: Autores (2023)

DOI: 10.46667/renbio.v16inesp.1.1043

Após a apresentação do tema, os dois grupos receberam as mesmas orientações para iniciar as pesquisas e construir os argumentos a partir de uma lista bibliográfica (Tabela 1) com artigos abordado temáticas, exemplos e discussões pertinentes a atividades.

**Tabela 1:** Bibliografia sugerida para iniciar as pesquisas.

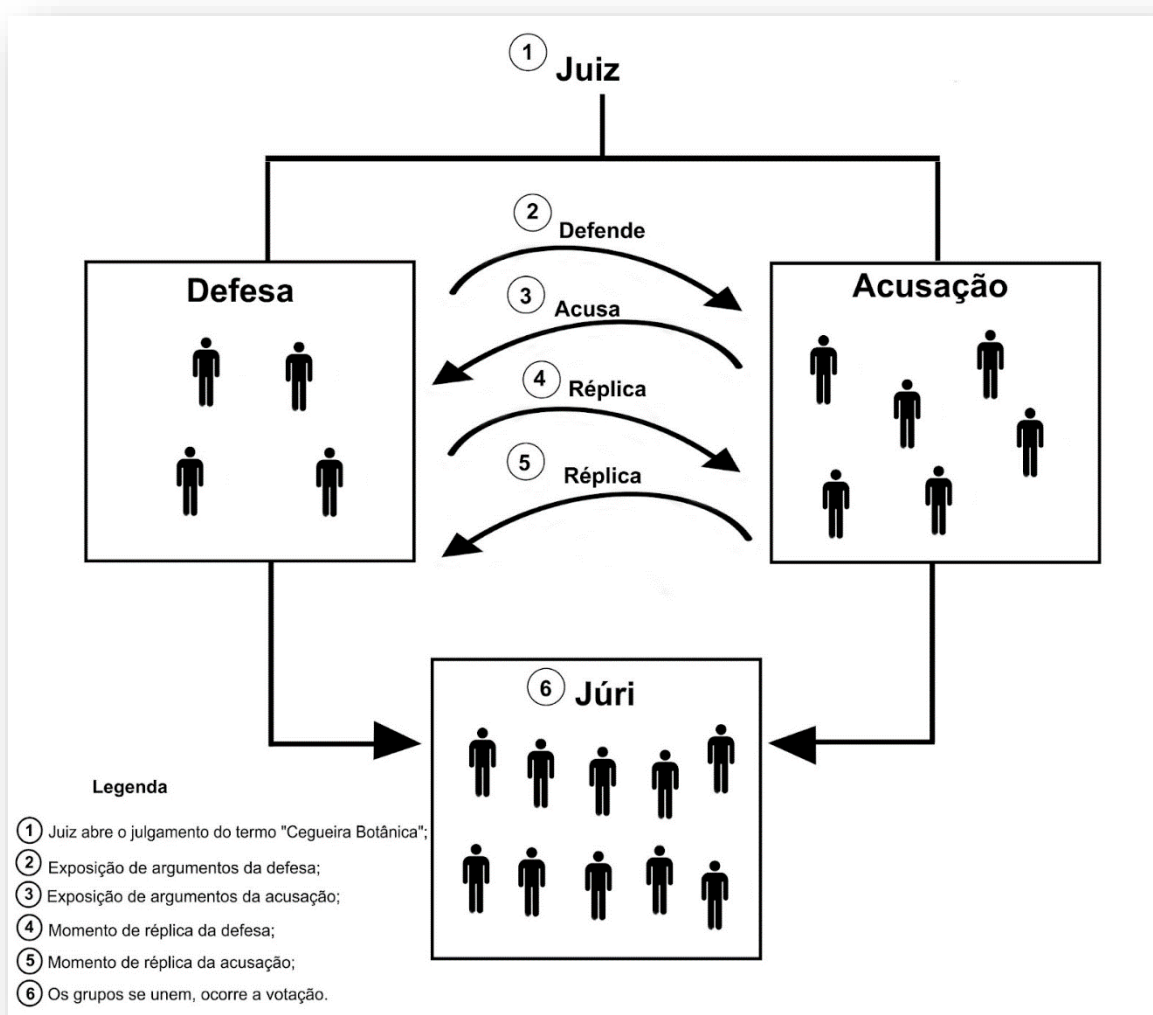
Título do trabalho	Autor e ano de publicação	Fonte
Aprendizado ativo no ensino de botânica	Vasques, D. T., Freitas, K. C., e Ursi, S., 2021.	<a href="https://www.researchgate.net/publication/349832161">https://www.researchgate.net/publication/349832161</a>
<i>Attention “blinks” differently for plants and animals</i>	Balas, B. E. e Momsen, J. L., 2014.	<a href="https://doi.org/10.1187/cbe.14-05-0080">https://doi.org/10.1187/cbe.14-05-0080</a>
Ensino de Botânica: conhecimento e encantamento na educação científica.	Ursi, S., Barbosa, P. P., Sano, P. T., e Berchez, F. A. D. S., 2018.	<a href="https://doi.org/10.1590/s0103-40142018.3294.0002">https://doi.org/10.1590/s0103-40142018.3294.0002</a>
“Mas de que te serve saber Botânica?”	Salatino, A. e Buckeridge, M., 2016.	<a href="https://doi.org/10.1590/S0103-40142016.3087001">https://doi.org/10.1590/S0103-40142016.3087001</a>
<i>Plant blindness and sustainability</i>	Thomas, H., Ougham, H. e Sanders, D., 2021.	<a href="https://doi.org/10.1108/LJSHE-09-2020-0335">https://doi.org/10.1108/LJSHE-09-2020-0335</a>
<i>Preventing plant blindness</i>	Wandersee, J. H. e Schussler, E. E., 1999.	<a href="https://doi.org/10.2307/4450624">https://doi.org/10.2307/4450624</a>
<i>Toward a theory of plant blindness.</i>	Wandersee, J. H. e Schussler, E. E., 2001.	<a href="https://botany.org/psbarchive/issue/2001-v47-no-1.html">https://botany.org/psbarchive/issue/2001-v47-no-1.html</a>
<i>We do not want to “cure plant blindness” we want to grow plant love</i>	Macdonough Mackenzie, C., Kuebbing, S. e Barak, R. S.; Et Al., 2019.	<a href="https://doi.org/10.1002/ppp3.10062">https://doi.org/10.1002/ppp3.10062</a>

Fonte: Autores (2023)

No dia de realização do júri, o professor responsável pela disciplina assumiu o papel do juiz e os grupos se organizaram para a exposição e argumentação das ideias. O desenvolvimento da atividade foi estruturado de acordo com o esquema ilustrado pela Figura 2. Após a fala inicial do juiz, a dinâmica teve início com a argumentação da defesa, que foi seguida pela acusação. Em sequência, a defesa teve o momento da réplica e a acusação, da tréplica. Ao final do debate, sem que a turma soubesse previamente, o juiz (professor) dissolveu os grupos e transformou todos os alunos em membros do júri, dando início a votação. Após este momento, ocorreu a conclusão da atividade com a fala de todos que quiseram se posicionar.



Figura 2: Esquema com estrutura e etapas do júri simulado.



Fonte: Autores (2023)

Durante a execução da atividade, foi sendo construído um registro detalhado do que aconteceu na aula como falas e posicionamento de alunos para posterior reflexão e divulgação.

### 2.2 Execução e resultados do júri simulado.

Em um primeiro momento toda a dinâmica foi explicada para a turma e os grupos foram definidos. As reações e comentários dos alunos no momento do sorteio foram diversas: alegria com o grupo sorteado, confiança na vitória no debate com base no seu conhecimento prévio, pedidos para trocar de grupo por não concordarem com o lado que representariam, desânimo por achar que iriam perder, entre outros. Não houve troca entre os integrantes dos grupos, de maneira que a composição estabelecida no sorteio foi mantida até o momento final

DOI: 10.46667/renbio.v16inesp.1.1043

da dinâmica. Para que a atividade tivesse sucesso no dia da aplicação, o professor facilitador enviou lembretes esporadicamente, auxiliou no que era solicitado e incentivou os estudantes.

No dia da realização do júri, os alunos estavam engajados, defesa e acusação elegeram seus oradores e formaram grupos no aplicativo de mensagens *Whatsapp* para o diálogo interno durante a realização do debate. A atividade se iniciou utilizando vocabulário característico de um tribunal, criando uma ambientação realística e gerando uma atmosfera de concentração.

O julgamento foi iniciado com os argumentos da defesa, sendo estes expostos por um único integrante do grupo durante cerca de 20 minutos, que foi sucedido pela acusação nas mesmas condições. Ao fim dessa etapa foram disponibilizados 15 minutos para os estudantes se reunirem e montarem suas réplicas. No retorno do júri, as argumentações mantiveram a mesma ordem da primeira etapa.

Todos os textos indicados para a preparação do júri (Tabela 1) foram estudados e citados pelos alunos ao longo do debate, além haver a presença de novas fontes bibliográficas que foram levantadas pela turma. Isto evidencia o desenvolvimento da autonomia dos estudantes como um dos aspectos que favorecem a reconstrução permanente dos currículos, a qual se realiza na interação direta entre docente e discentes (MORAES, 2004). Durante a exposição dos argumentos, inúmeros elementos foram utilizados para a construção das teses defendidas por cada lado, os principais estão listados na Tabela 2.

DOI: 10.46667/renbio.v16inesp.1.1043

**Tabela 2:** Principais argumentos utilizados pelos grupos no momento do debate.

Grupo da Defesa	Grupo da Acusação
<p>Importância da utilização de um termo que chame atenção da sociedade;</p> <p>O viés utilizado pela Botânica não equipara os termos com a dificuldade que a deficiência visual traz pro portador;</p>	<p>Capacitismo relacionado ao termo;</p> <p>Repetições de metodologias sem pensar na relação com os conteúdos trabalhados;</p>
<p>Cegueira psicológica e seus tipos: Desatenção, Mudança, Escolha e de Faixa;</p> <p>Ensaio sobre a Cegueira – José Saramago;</p>	<p>Falta de contextualização como a causa para os problemas que envolvem a temática;</p> <p>A utilização do termo esconde um problema maior e prejudica a melhoria do ensino</p>
<p>Importância de se trabalhar termos que auxiliem na conservação da biodiversidade;</p> <p>É mais importante a ação do que se prender a detalhes que não ajudam em nada o verdadeiro problema.</p>	<p>Importância de uma formação continuada com os professores desde a educação infantil;</p> <p>A maior aproximação das pessoas com as plantas gera maior percepção, podendo provocar empatia e compreensão de todos os envolvidos.</p>

Fonte: Autores (2023)

O currículo em ação na sala de aula, sob uma perspectiva histórico-cultural, desencadeia processos de elaboração de conhecimentos na formação docente com base no desenvolvimento da linguagem e da elaboração conceitual (ZANON; HAMES; SANGIOGO, 2012). Dessa forma, as etapas do desenvolvimento seguiram até a réplica da acusação. Observou-se que a realização de dois momentos de fala para cada grupo produziu uma quantidade de material suficiente nestes diálogos para o encaminhamento para a última etapa da atividade.

Uma vez que a turma não foi informada sobre como seria composto o júri, o momento final da atividade foi marcado por expectativa dos alunos e surpresa ao saber a dinâmica. Foram dados cinco minutos para cada aluno elaborar sua decisão e iniciou-se a votação. A sentença determinou, por 43 votos contra um, que a Botânica deveria abandonar uso do termo Cegueira Botânica.

DOI: 10.46667/renbio.v16inesp.1.1043

O tema em questão foi selecionado devido seu destaque dentro do debate acerca do ensino de Botânica nos últimos anos, tendo sido abordado por diversos artigos, que frequentemente buscaram soluções para a Cegueira Botânica (ALVES *et al.* 2022; COSTA; DUARTE; GAMA, 2019; MELO *et al.* 2012; SALATINO; BUCKERIDGE, 2016; URSI *et al.* 2018; URSI; SALATINO, 2022; WANDERSEE; SCHUSSLER, 1999). Essa linha se manteve em alta por anos e se tornou a única forma de abordar os problemas que envolviam o ensino de Botânica. Talvez por esse motivo muitos alunos sorteados para defenderem o uso do termo Cegueira Botânica ficaram felizes, considerando estar do lado vencedor.

Durante o processo de preparação para a realização do júri, à medida que esses mesmos discentes se aprofundavam e preparavam seus argumentos, muitos relataram ao professor estarem se sentindo perdidos. Os estudos sobre deficiências e leis de acessibilidade provocaram inquietação nas certezas iniciais dos alunos, que perceberam a necessidade de rever certos pensamentos com base no conhecimento adquirido e sob o ponto de vista de futuros professores de Biologia. Ursi e Salatino (2022) já chamaram a atenção para o capacitismo que o termo carregava e escreveram uma nota encorajando a academia a repensar a sua utilização, sugerindo o uso do termo Impercepção Botânica. Essa proposta encontra apoio neste relato de atividade, visto as mudanças de percepção inicial de alguns discentes e o resultado da votação do júri.

É importante ressaltar que os estudantes, além de pensarem sobre o uso ou desuso dos termos, se apropriaram de pensamentos a respeito do ensino de Botânica, relacionado com situações já vivenciadas, tanto na educação básica quanto no ensino superior. Embora o conteúdo disponibilizado para leitura e formação de argumento para o júri tenha embasado os alunos, estes tiveram total liberdade nas decisões sobre o que seria levantado em defesa de sua opinião, instigando o senso crítico. Desatacamos a maneira como os estudantes interagiram na condição de sujeitos do conhecimento, protagonizando posições de ataque ou defesa do termo em discussão.

Ressalta-se que para êxito na aplicação do júri simulado é necessário um contexto bem estruturado e articulado com um tema central, que possibilite inúmeras construções argumentativas pelos alunos, ou seja, estimule a manifestação autônoma por parte deles, além de uma boa composição de recursos que serão utilizados pelos participantes. O protagonismo dos estudantes aliado à construção da autonomia deles, com estímulo ao desenvolvimento da reflexão são dimensões da aprendizagem necessárias que devem estar presentes no ensino de Botânica.

DOI: 10.46667/renbio.v16inesp.1.1043

A atividade foi concebida como forma de avaliação da disciplina, de maneira que a participação dos membros do júri foi debatida em grupo e as funções atribuídas de acordo com as respectivas disponibilidades. Diferentemente das aulas tradicionais de Botânica em que os estudantes são apenas espectadores, nesta abordagem o aprendizado ocorreu em momentos de elaboração individual e coletiva, sendo a sala de aula o modo preferencial de reconstrução dos currículos e cada atividade diferente, validada e aperfeiçoada coletivamente (ZANON; HAMES; SANGIOGO, 2012).

A recepção dos estudantes diante da dinâmica foi positiva. Durante o júri simulado foi possível identificar alunos participativos, ativos, com segurança em suas argumentações, além de ser perceptível o exercício que muitos faziam para respeitar a opinião do outro. Os alunos comentaram a respeito da dinâmica do júri simulado e do tema escolhido (Tabela 3).

**Tabela 3:** Percepções de alguns alunos da turma a respeito da atividade de júri simulado realizada.

#### Percepções dos alunos acerca da atividade

“Foi um exercício de escutar o outro lado”

“Achei muito interessante, porque mesmo não concordando com o ponto de vista designado a nós no júri, tínhamos que pesquisar e entender a perspectiva das pessoas que pensam de tal forma”

“Uma maneira muito produtiva de discussão em grupo sobre assuntos relevantes e descontraídos para trabalhar diferentes pontos de vista”

“Foi um grande desafio defender o lado que eu era contra, mas com o estudo dos materiais e o trabalho em grupo percebi que é possível criar uma argumentação bem fundamentada”

“Todas as discussões de artigo deveriam ocorrer desta maneira. Eu me senti aprendendo de verdade o que eu lia”

“Eu não achava que fosse conseguir ler todos os artigos que o grupo selecionou, mas a vontade de criar os nossos argumentos me dava mais vontade de estudar o tema”

Fonte: Autores (2023)

De maneira geral os participantes se dedicaram na realização da atividade, uma vez que não queriam perder a discussão por não ter argumentos necessários para defender sua tese. Apesar disso, ressalta-se que o resultado do julgamento não interfere no propósito dessa dinâmica, sendo o foco principal a possibilidade de envolvimento dos graduandos, o levantamento de problemáticas e a necessidade de posicionamento dos alunos, que estão construindo suas próprias personalidades como estudantes e futuros professores de Biologia.

DOI: 10.46667/renbio.v16inesp.1.1043

A dinâmica do júri simulado foi uma atividade pensada e desenvolvida em uma disciplina no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, no período do isolamento da Covid-19. Manter os estudantes animados e participativos era um dos propósitos da aula uma vez que a falta de motivação interfere diretamente no processo de ensino-aprendizagem (SANTANA, 2014). A disciplina também se propôs a valorizar a vivência de estratégias pedagógicas na graduação que pudessem ser replicadas pelos discentes quando estes forem professores da educação básica.

Através do júri simulado foram trabalhados tanto conhecimentos específicos, baseados em uma fundamentação teórica, quanto competências que os professores precisam desenvolver na ação docente. Souza e Souza (2022) ressaltam em seus estudos novos métodos que possam ajudar os professores em suas práticas para que o estudante se torne ativo, ao mesmo tempo que esses autores também referem a necessidade da formação continuada como etapa de aprimoramento de estratégias pedagógicas que estimulem a participação ativa do aluno em contexto de sala de aula.

Embora a presente experiência de currículo em ação na formação de professores de ciências tenha foco na área da Botânica, é possível observar que a realização da dinâmica produziu espaços curriculares contextualizados (MORAES, 2004). Estes ultrapassaram as fronteiras disciplinares em direção à uma proposta interdisciplinar envolvendo conhecimentos de domínio das linguagens, da história da educação inclusiva, das artes cênicas, dentre outros.

Um dos problemas encontrados no ensino de Botânica é encontrar estratégias que permitam trabalhar os objetivos propostos na disciplina associada à participação dos estudantes. Anastasiou e Alves (2023) abordam a imprevisibilidade, as mudanças e as incertezas que cercam os docentes no momento da sala de aula. Utilizar estratégias que favoreçam o dinamismo, a criatividade, a vivência pessoal, criatividade e liberdade de pensamento facilitam a conexão do professor com o estudante. Diante disso, por meio deste relato de experiência compreendemos que o júri simulado pode ser uma alternativa pedagógica para ajudar na compreensão de assuntos de Botânica, bem como estreitar a relação docente-discente no processo de ensino e aprendizagem.

### 3 Considerações finais

A experiência com a dinâmica do júri simulado aqui compartilhada evidenciou a presença, entre os estudantes, de interações mais ou menos dialógicas e argumentativas que demonstraram diferentes níveis de reflexividade e desenvolvimento da aprendizagem. Os processos de formação experimentados superaram uma perspectiva fossilizada e imutável, para assumir a complexidade e o inacabamento como eixos de crescimento dos professores em formação.

Através deste relato de experiência foi possível descrever e perceber a relevância de se utilizar estratégias didáticas que levem o aluno a uma participação ativa dentro do ensino da Botânica. A forma como toda a turma reagiu evidenciou mais uma vez que as estratégias

DOI: 10.46667/renbio.v16inesp.1.1043

devem ser sempre revistas e que levam o aluno a utilizar os fundamentos teóricos para subsidiar e embasar seus posicionamentos. Ressalta-se que este tipo de atividade irá funcionar de forma satisfatória apenas se houver a integração de todos os envolvidos.

Trazer temas como o da Cegueira Botânica, que se apresentava tão difundido entre seus pares, é uma excelente dinâmica para levar os alunos a repensarem seus posicionamentos com base num arcabouço bem estruturado. Ver a turma se posicionando e revendo suas verdades é estimulante não só para os próprios alunos. É uma maneira do professor se sentir realizado sem ter que impor opiniões. Cada aluno sai da experiência com a sua opinião. Quanto mais buscarmos atividades que levem os alunos a se encontrarem dentro da temática, maior vai ser a chance de se ter uma aprendizagem real e significativa. Não existe trabalhar Ciências sem se desenvolver o protagonismo e o senso crítico do aluno.

## Referências

ALVES, Nara Regina Firmo.; MOREIRA, Maiara Jacintho.; BUENO, Pâmela Ribeiro.; MORAES, Maria Silvana Aranda.; SUDATI, Jéssie Haigert.; VASCONCELOS, Laís da Silva.; BRUM, Alexandre Antunes.; BRUM, Aline Neutzling. Contribuições das plantas medicinais e uso de chás no ensino de química orgânica: revisão narrativa de literatura. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 4, p. 26369-26387, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv8n4-240>. Acesso em: 18 abr. 2023.

ALVES, Robson Marinho.; GIL, André Bragança.; AGUIAR-DIAS, Ana Cristina. Ensino de Botânica na Amazônia: Práticas docentes e aprimoramentos necessários. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 21, n. 1, p. 1-21, 2022. Disponível em: [http://reec.webs.uvigo.es/volumenes/volumen21/REEC\\_21\\_1\\_1\\_ex1791\\_521.pdf](http://reec.webs.uvigo.es/volumenes/volumen21/REEC_21_1_1_ex1791_521.pdf). Acesso em: 30 de mar. 2023.

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos.; ALVES, Leonir Pessate. Estratégias de ensinagem. Disponível em: [https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1390223/mod\\_resource/content/1/anastasiou.pdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1390223/mod_resource/content/1/anastasiou.pdf). Acesso em: 18 abr. 2023.

AUSUBEL, David Paul. **A aprendizagem significativa**: a teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes, 1982.

BROWNLEE, Kristi.; PARSLEY, Kathryn M.; SABEL, Jaime L. An analysis of plant awareness disparity within introductory Biology textbook images. **Journal of Biological Education**, jun. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00219266.2021.192030>. Acesso em: 10 abr. 2023.

CAMPBELL, Fiona Kumari. Refusing Able(ness): A Preliminary Conversation about Ableism. **M/C Journal**, v. 11, n. 3, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.5204/mcj.46>. Acesso em: 18 abr. 2023.

DOI: 10.46667/renbio.v16inesp.1.1043

CAMPOS, Márcia de Borba Campos.; SILVEIRA, Milene Selbach. Do planejamento à ação: elaboração de dinâmicas de trabalho em grupo em ambientes virtuais como estratégia à mediação e interação. In: CARNEIRO, Mára Lúcia Fernandes.; TURCHIELO, Luciana Boff (org.). **Educação a distância e tutoria: considerações pedagógicas e práticas**. Porto Alegre: Evangraf, 2013. p. 74-94.

COSTA, Emanuelle Almeida.; DUARTE, Rafaela Andressa Fonseca.; GAMA, José Aparecido da Silva. A gamificação da Botânica: uma estratégia para a cura da “cegueira botânica”. **Revista Insignare Scientia-RIS**, v. 2, n. 4, p. 79-99, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.36661/2595-4520.2019v2i4.10981>. Acesso em: 20 abr. 2023.

CRUZ, Lilian Pereira.; JOAQUIM, Walderez Moreira.; FURLAN, Marcos Roberto. O estudo de plantas medicinais no ensino fundamental: uma possibilidade para o ensino da botânica. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 7., 2009. Florianópolis/SC. **Anais...** Florianópolis: ABRAPEC, 2009. p. 78-92.

FONSECA, Liliane Ramos.; RAMOS, Paula. Ensino de Botânica na Licenciatura em Ciências Biológicas de uma universidade pública no Rio de Janeiro: contribuições dos professores do ensino superior. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, Belo Horizonte, v. 20, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-211720182001026>. Acesso em: 19 abr. 2023.

FORMIGOSA, Marcos Marques.; QUARTIERI, Marli Teresinha.; DEL PINO, José Claudio.; MARCHI, Miriam Ines. Júri simulado e tempestade cerebral: entendendo a implantação da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. **Revista Brasileira De Educação Do Campo**, v. 2, n. 3, p. 899-920, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.20873/uft.2525-4863.2017v2n3p899>. Acesso em: 21 abr. 2023.

IVANOVICH, Ana Carolina Friggi.; GESSER, Marivete. Deficiência e capacitismo: correção dos corpos e produção de sujeitos (a)políticos. **Quaderns de Psicologia**, v. 22, n. 3, 2020. Disponível em: <https://quadernsdepsicologia.cat/article/view/v22-n3-friggi-marivete>. Acesso em: 12 abr. 2023.

MELO, Edilaine Andrade.; ABREU, F. F.; ANDRADE, A. B.; ARAUJO; M. I. O. A aprendizagem de botânica no ensino fundamental: Dificuldades e desafios. **Scientia plena**, v. 8, n. 10, 2012. Disponível em: <https://scientiaplena.org.br/sp/article/view/492>. Acesso em: 24 abr. 2023.

MORAES, Maria Célia Marcondes. Incertezas nas práticas de formação e no conhecimento docente. In: MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; PACHECO, José Augusto; GARCIA, Regina leite (org.). **Currículo: pensar, sentir e diferir**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 139-158.

MUSSI, Ricardo Francklin de Freitas.; FLORES, Fábio Fernandes.; ALMEIDA, Cláudio Bispo de Almeida. Pressupostos para a Elaboração de Relato de Experiência como Conhecimento Científico. **Revista Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-67, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010>. Acesso em: 22 abr. 2023.



DOI: 10.46667/renbio.v16inesp.1.1043

NETO, Fernando Fernandes de Oliveira.; JORGE, Taciane Schröder.; GARCIA, Cleisson Schossler.; DALZOTTO, Débora Presmini.; COSTA, Juliene Lopes.; MEDINA, Thais Gotuzzo de Medina.; IGANCI, João. Jogos Didáticos no Ensino de Botânica: Enraizando e Batalha Algal. **Hoehnea**, v. 49, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2236-8906-09-2022>. Acesso em: 22 abr. 2023.

PARSLEY, Kathryn M. Plant awareness disparity: A case for renaming plant blindness. **Plants People Planet**, v. 2, 2020. Disponível em: <http://doi.org/10.1002/ppp3.10153>. Acesso em: 10 abr. 2023.

REAL, Luciane M. Corte Real; MENEZES, Crediné da Silva. Júri simulado: possibilidade de construção de conhecimento a partir de interações em grupo. In: NEVADO, Rosane Aragón.; CARVALHO, Marie Jane Soares.; MENEZES, Crediné Silva (org.). **Aprendizagem em rede na Educação a Distância: estudos e recursos para formação de professores**. Porto Alegre: Ricardo Lenz, 2007.

SALATINO, Antônio.; BUCKERIDGE, Marcos. “Mas de que te serve saber botânica?”. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 30, p. 177-196, 2016.

SANTANA, Mônica de Lourdes Neves. **O papel da motivação para a aprendizagem escolar**. 2014. 41 f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Fundamentos da Educação) - Universidade Estadual da Paraíba. João Pessoa, 2014.

SANTORINE, Ricardo Tadeu.; SANTOS, Marcelo Guerra. **Ensino de Ciências e Biologia: um manual para elaboração de coleções didáticas**. Rio de Janeiro: Interciência, 2015.

SANTOS, Robson Aparecido dos. **O Ensino/Aprendizagem de Botânica: possibilidades didáticas para o fazer docente**. 2019. 122 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em Rede Nacional - PROFBIO) - Instituto de Ciência Biológicas, Universidade Estadual de Mato Grosso. Tangará da Serra, 2019.

SAVARIS, Priscila Katiúscia.; REBERTE, Aliny.; BORTOLUZZI, Marcelo Carlos.; JÚNIOR, Bruno Schlemper.; BONAMIGO, Élcio Luiz. Julgamento simulado como estratégia de ensino da ética médica. **Revista Bioética**, v. 21, n. 1, 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1983-80422013000100018&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1983-80422013000100018&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 08 fev. 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 153 p.

SOUZA, Cassiana dos Santos; SOUZA, Fernando de Jesus. Atividades investigativas no ensino de Ciências: uma análise da produção acadêmica nacional. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 45, 2022.

URSI, Suzana.; BARBOSA, Pércia Paiva.; SANO, Paulo Takeo.; BERCHEZ, Flávio Augusto de Souza. Ensino de Botânica: conhecimento e encantamento na educação científica. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 32, dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-40142018.3294.0002>. Acesso em: 20 abr. 2023.

DOI: 10.46667/renbio.v16inesp.1.1043

URSI, Suzana.; SALATINO, Antônio. É tempo de superar termos capacitistas no ensino de Biologia: impercepção botânica como alternativa para "cegueira botânica". **Boletim de Botânica**, São Paulo, v. 39, dez. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9052.v39p1-4>. Acesso em: 20 abr. 2023.

WANDERSEE, James H.; SCHUSSLER, Elisabeth. E. Preventing plant blindness. **The American Biology Teacher**, Louisville, v. 61, n. 2, fev. 1999. Disponível em: <http://doi.org/10.2307/4450624>. Acesso em: 18 abr. 2023.

ZANON, Lenir Basso.; HAMES, Clarinês.; SANGIOGO, Fábio André. Interações em espaços de formação docente inicial na perspectiva da (re)construção do currículo escolar na modalidade de situação de estudo. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 17, n. 1, p. 21-35, 2012.

Recebido em abril de 2023.  
Aprovado em julho de 2023.

Revisão gramatical realizada por: Maria Laura Araújo  
E-mail: [mlauraaraujo@hotmail.com](mailto:mlauraaraujo@hotmail.com)